

O agronegócio da soja nos municípios de Barreiras/BA e Luís Eduardo Magalhães/BA: uma análise da relação entre agentes e espaço a partir do uso agrícola do território

Matheus Dezidério Busca

✉ matheusdbusca@gmail.com

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar a relação entre os agentes do circuito espacial produtivo do complexo soja e o espaço geográfico, mais especificamente com os territórios municipais de Barreiras/BA e Luís Eduardo Magalhães/BA (LEM/BA). A justificativa desta análise se baseia no fato de que no atual período histórico, compreendido como globalização, observam-se processos de desconcentração produtiva, em nível global e – concomitantemente – de concentração produtiva, em nível regional. O trabalho se divide em dois principais eixos: *i)* a análise das culturas de soja nos territórios municipais de Barreiras e LEM; e *ii)* apresentação e operacionalização do conceito de circuito espacial produtivo, analisando a produção agroindustrial desta *commodity*, reconhecendo os principais agentes deste circuito e o modo pelo qual ele se organiza no território e no espaço.

* * *

PALAVRAS-CHAVE: Agronegócio, Circuito espacial produtivo, Matopiba, Região produtiva do agronegócio, Sojicultura.

Introdução

A demanda global por commodities agrícolas vem aumentando ao passar dos anos e, para que as produções correspondam a este aumento na demanda, o setor agropecuário passou por alguns processos de reestruturação/reorganização produtivas e tecnológicas (FREDERICO, 2013). A fim de compreender as razões pelas quais esses processos ocorreram devemos refletir sobre o atual período histórico, a globalização. Silveira (2002) afirma que a globalização, como período histórico que é, possibilitou, por meio do avanço dos sistemas técnicos (DIAS, 2015) – através da ciência, da tecnologia e da informação – a irradiação, isto é, a desconcentração, das atividades produtivas dos países capitalistas centrais para as áreas periféricas do globo. Observamos estes processos à medida que se globalizam as sociedades e mundializa-se o espaço geográfico (SANTOS, 1988).

A divisão territorial do trabalho também é fundamental ao entendimento da dinâmica capitalista globalizada, pois ao mesmo tempo em que se operam processos de mundialização da produção, tem-se a regionalização desses processos (MORAES, 1984), fato este que resulta na especialização produtiva dos lugares e no aprofundamento da divisão territorial do trabalho. Benko (2002) argumenta que os processos de regionalização só são possíveis por meio da constituição de sistema de redes interligadas globalmente, e, como complementa Silveira (2002), essas múltiplas redes conectam o global aos “compartimentos mais ativos no território” (SILVEIRA, 2002, p. 44), promovendo, pois, a organização político-econômica de agentes espacialmente distantes.

Tendo em vista que a produção e comercialização de commodities são realizadas na escala global, é necessário que haja uma forma de se coordenar todo esses processos ao longo de diversas escalas espaciais. Chamamos atenção para as redes geográficas que se configuram como relações socialmente construídas materializadas no espaço (CORRÊA, 2012), e por este motivo nos é permitido afirmar que as relações de produção do agronegócio se configuram como uma rede altamente complexa organizada.

A noção de rede como um recurso metodológico nos auxilia na compreensão à complexidade das trocas de fluxos e os inúmeros agentes, como assinala Corrêa (2012). Podemos atribuir esse conceito ao sistema produtivo agroindustrial do complexo soja, compondo o circuito espacial produtivo, incluindo, também, os círculos de cooperação no espaço a ele associado. Essa separação é necessária dada a natureza dos fluxos: se materiais, esses fluxos e seus agentes pertencem ao circuito espacial produtivo; se imateriais, esses fluxos e seus agentes pertencem aos círculos de cooperação (MOREAS, 1984).

Diante da perspectiva de globalização dos sistemas produtivos e da mundialização do espaço geográfico, como já mencionado anteriormente, o presente artigo tem como objetivo central discutir as relações entre os agentes que constituem o circuito espacial produtivo do complexo soja e, dialeticamente, a relação entre agentes e espaço geográfico, mais precisamente com os territórios de Barreiras/BA e de Luís Eduardo Magalhães/BA (LEM/BA). Esses municípios fazem parte da região intermediária extremo oeste baiano, porção inclusa nos limites do MATOPIBA¹.

Regiões Produtivas do Agronegócio e Produção Agrícola

Como base teórico-metodológica, partimos da teoria regional e das múltiplas formas regionais (CORRÊA, 2000; CASTILLO; BERNARDES, 2019) para compreendermos as lógicas mais recentes da dinâmica de expansão da produção de soja nos Cerrados do Centro-Norte do Brasil (ALVES, 2015). Concebemos a existência de quatro principais formas regionais: a região natural; a região histórica (ou tradicional); a região de planejamento e a região produtiva. Essas diferentes formas regionais podem se sobrepor umas às outras, elevando, assim, o nível de complexidade de cada uma, ao passo em que cada região responde de maneira específica aos atuais processos da acumulação capitalista (CASTILLO, 2015; CASTILLO et al, 2016).

É a partir das regiões produtivas que se desdobra um novo tipo, bastante peculiar, de região: as regiões produtivas do agronegócio (RPAs) (Elias, 2006; 2011). Essas regiões emergem a partir das demandas globais por commodities agrícolas, aprofundando a divisão territorial do trabalho e levando ao extremo a especialização produtiva, pautada no desenvolvimento do agronegócio modernizado (ELIAS, 2006). Em outras palavras, a lógica de existência dessas regiões não pode ser explicada a partir de sua lógica interna, mas senão, a partir dos vetores econômicos hegemônicos globais (SANTOS, SILVEIRA, 2006; LENCIONI, 2014, CASTILLO et al, 2016).

Bernardes (2009) já afirmava que nos Cerrados do Centro-Norte (ALVES, 2015) havia uma “região sojifera” em desenvolvimento, isto é, uma porção do território nacional composta, sobretudo, pela porção oeste da Bahia, sul do Maranhão e sul-sudoeste do Piauí. Em 2015, através do Decreto 8.447, o Governo Federal institucionalizou uma região de planejamento, o MATOPIBA, abarcando estas regiões, a fim de que o agronegócio modernizado possa avançar sobre um

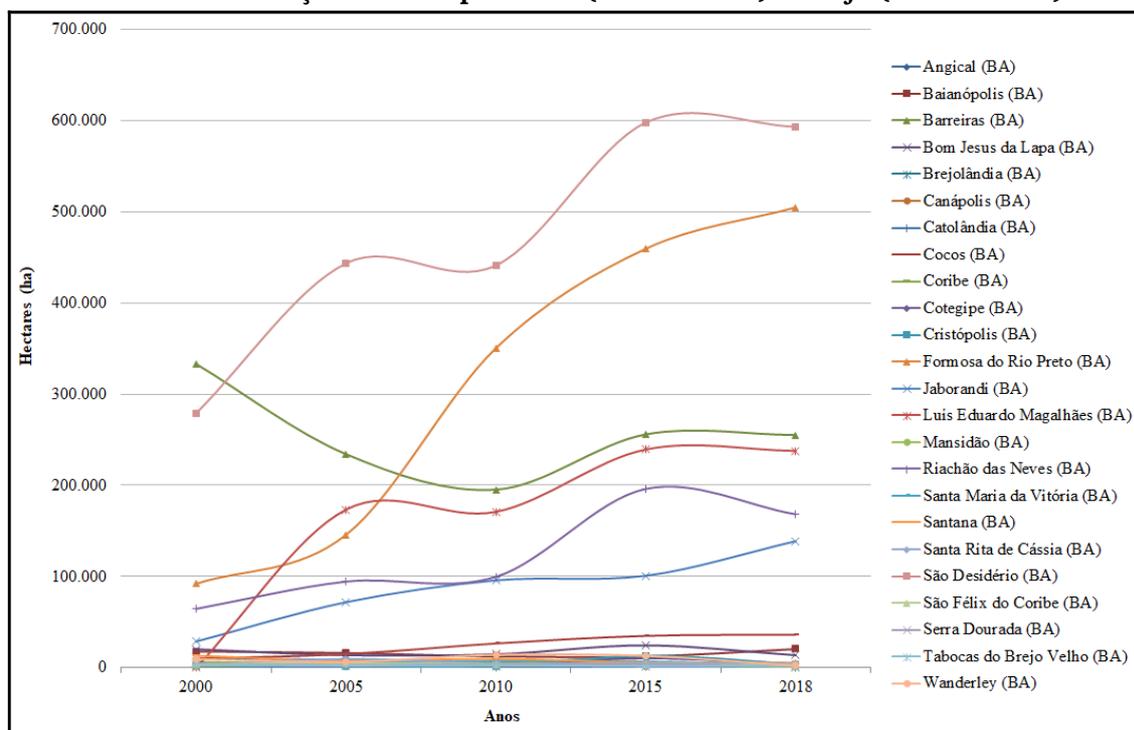
1 Região de planejamento que abarca as porções oeste da Bahia, sul e leste do Maranhão, sul-sudoeste do Piauí e todo o estado do Tocantins. O MATOPIBA foi delimitado pela Embrapa e institucionalizado pelo Governo Federal através do Decreto Nº 8.447, em 2015.

espaço organizado e normatizado a partir de suas demandas. Hoje, essas áreas podem ser interpretadas como fundos territoriais, pois segundo Moraes (2005), estas são porções do território nacional nas quais se visa à especulação fundiária e onde atuam os processos de acumulação por espoliação (HARVEY, 2005) a fim de obter novas terras para serem incorporadas à acumulação de capital.

É necessário compreendermos os motivos pelos quais a porção oeste do estado da Bahia vem se destacando na produção de soja, tanto em nível regional – MATOPIBA – como nacional. Os Gráficos 1 e 2, elaborados a partir dos dados da Produção Agrícola Municipal (PAM-IBGE), mostram, respectivamente, a evolução da área plantada (em hectares) e a participação da área plantada de soja sobre o total de área plantada, entre os anos 2000 e 2018, nos municípios da Região Intermediária Extremo Oeste Baiano.

O Gráfico 1 nos mostra que há uma significativa diferença na área plantada de soja (ha), em 2018, ao longo da região. Além disto, os seis municípios que apresentam as maiores áreas – entre 100 e 600 mil ha – estão localizados na porção mais a oeste da região, incluindo Barreiras e LEM. Os referidos municípios são: São Desidério (593.314 ha); Formosa do Rio Preto (504.832 ha); Barreiras (255.110 ha); LEM (237.762 ha); Riachão das Neves (168.225 ha); Jaborandi (138.727 ha).

Gráfico 1. Evolução da área plantada (em hectares) de soja (2000 – 2018).

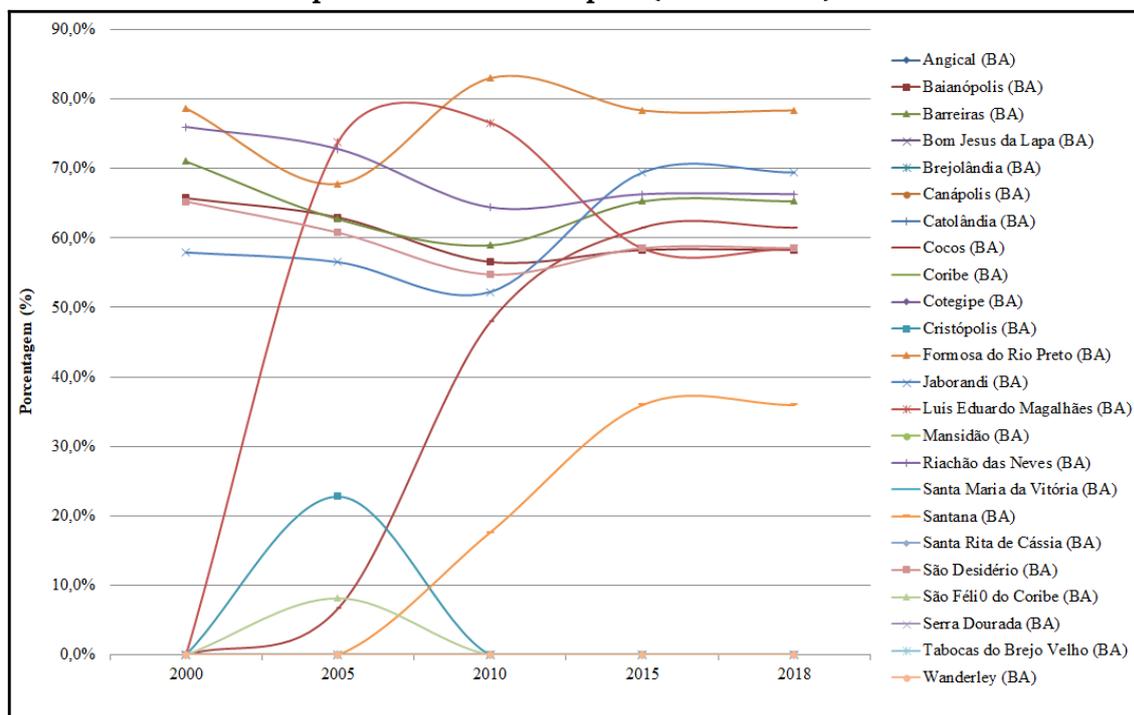


Fonte: PAM-IBGE (2018). Organização: Autor (2020).

Devemos salientar alguns pontos fundamentais acerca do Gráfico 1. A queda observada na área plantada no município de Barreiras, entre os anos 2000 e 2005, se deve à emancipação de LEM, em 2000, fato que também explica o significativo aumento da área neste município entre 2000 e 2005. Outro ponto importante do gráfico é o comportamento similar entre as linhas dos quatro municípios com mais área plantada (São Desidério, Formosa do Rio Preto, Barreiras e LEM), sobretudo em 2010, onde observamos um incremento nas áreas plantadas. Por fim, podemos observar que, embora analisando os municípios isoladamente, a área plantada possa diminuir, numa análise da região como um todo, essas áreas somente aumentam.

Observando o Gráfico 2 vemos que há um conjunto de oito municípios (Formosa do Rio Preto; Jaborandi; Riachão das Neves; Barreiras, Cocos; LEM; Baianópolis; São Desidério) que apresentam as maiores participações da área plantada de soja (entre 50% e 80%). Além disto, todos os seis municípios destacados no Gráfico 1 (São Desidério, Formosa do Rio Preto, Barreiras, LEM, Riachão das Neves e Jaborandi) se encontram neste conjunto. Isto nos mostra que a produção agrícola da soja está concentrada nos municípios mais a oeste da região. Além de percebermos, sobretudo a partir de 2015, a manutenção da participação das áreas de soja nos oito municípios supracitados, fato que corrobora para a especialização produtiva destes municípios, especialmente Jaborandi, que apresenta aproximadamente 80% das áreas plantadas com soja.

Gráfico 2. Participação da área plantada de soja sobre o total da área plantada dos municípios (2000 – 2018).



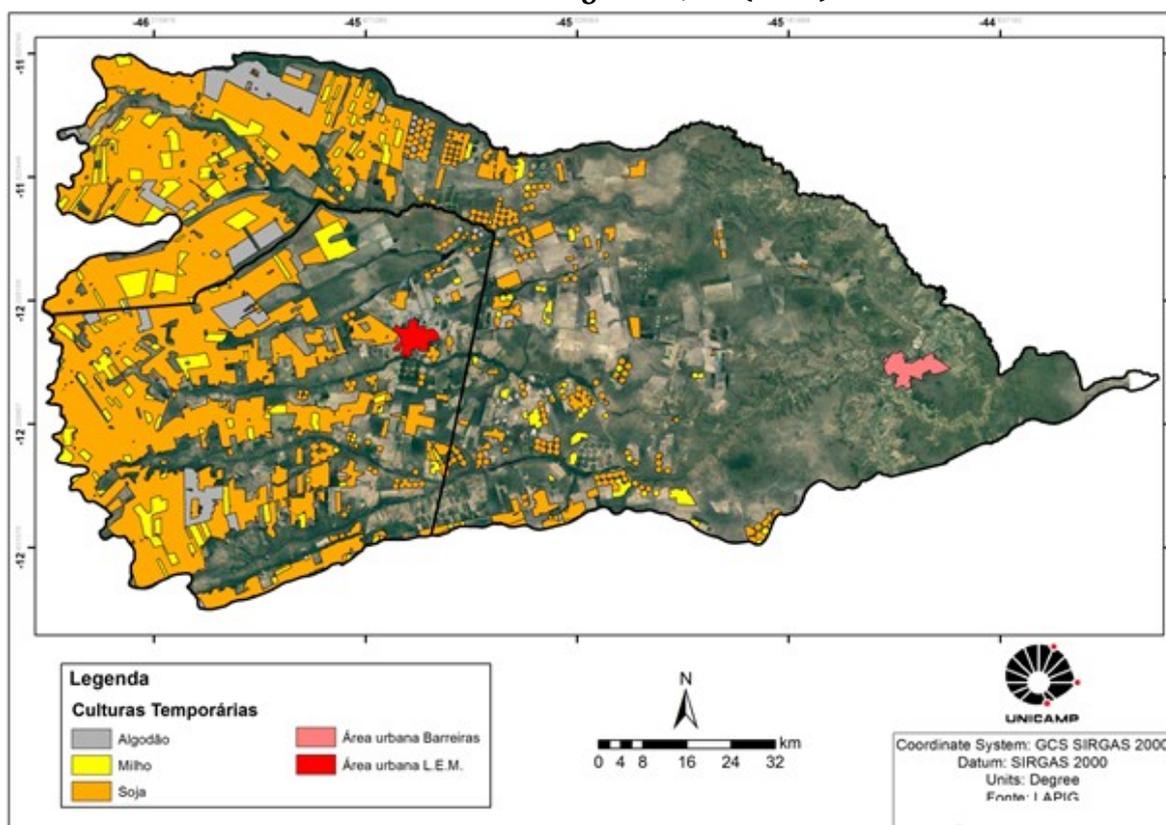
Fonte: PAM-IBGE (2018). Organização: Autor (2020).

Em síntese, a incorporação frequente de novas áreas para a produção de soja é clara ao observamos o Gráfico 1, já que o número absoluto de área plantada cresce especialmente a partir de 2010, além de, a partir de 2015, a participação da área plantada de soja, na região como um todo, se manter, indicando uma especialização produtiva em determinados municípios, que além de deterem um valor significativo de área plantada também apresenta alta participação da soja sobre as demais culturas, como Formosa do Rio Preto e Barreiras. Logo, podemos afirmar que temos uma região sojifera, como já apontava Bernardes (2009), em franco processo de expansão.

O Mapa 1 nos mostra como estavam distribuídas as culturas de soja, milho e algodão nos municípios de Barreiras e LEM no ano de 2016. Há uma concentração na porção oeste de ambos os municípios; a qual pode ser explicada a partir de duas causas: i) a geomorfologia desses municípios condiciona a localização destas produções, pois os corpos d’água que drenam essas áreas formam vales na paisagem, os quais são intercalados por conjuntos morfoesculturais denominados de chapadas (AB’SÁBER, 2003), condicionando o plantio de soja a se instalar nas áreas de maior altitude e com menor declive (MIRANDA; MAGALHÃES; CARVALHO, 2014); e ii) as áreas de maior precipitação nesses municípios se encontram, também, na porção mais a oeste, segundo a Associação de Agricultores

e Irrigantes da Bahia (AIBA, 2015). Portanto, o regime de chuvas passa a ser um fator decisivo quanto à localização das culturas, uma vez que varia significativamente ao longo dos territórios municipais, interferindo diretamente no valor da terra produtiva.

Mapa 1. Distribuição das culturas de soja, milho e algodão em Barreiras/BA e Luís Eduardo Magalhães/BA (2016)



Fonte: LAPIG-UFG (2016). Organização: Autor (2020).

Circuito Espacial Produtivo: produção e organização

Santos e Silveira (2006) afirmam que, a partir da divisão territorial do trabalho, apenas podemos ter uma análise estática das relações de produção e do espaço, entretanto, se quisermos compreender a realidade do espaço e da (re)produção capitalista em sua totalidade é necessário analisá-los a partir do movimento, isto é, de acordo com Arroyo (2008) os fluxos de produtos, capital, informações e ações. Segundo Castillo e Frederico (2010) a produção capitalista deve ser compreendida contendo subetapas – produção-distribuição-troca-consumo – que estão articuladas dialeticamente entre si, e não podem ser dissociadas.

Essas etapas só se encerram, ou seja, a (re)produção de capital só se realiza –, segundo Harvey (2013), quando há efetivamente o consumo. Portanto, é necessário analisar dois tipos de movimento: o primeiro se refere aos fluxos de mercadorias e

de produtos (fluxos materiais); o segundo movimento se refere aos fluxos imateriais, isto é, as ações, ordens e informações, sem os quais não é possível que as tradings e as agroindústrias coordenem toda a produção agroindustrial de soja. Através da abordagem metodológica do circuito espacial produtivo é que, segundo Castillo e Frederico (2010), verificamos a “interdependência dos espaços produtivos, captando a unidade e a circularidade do movimento” (CASTILLO; FREDERICO, 2010, p. 464), elementos de uma única totalidade.

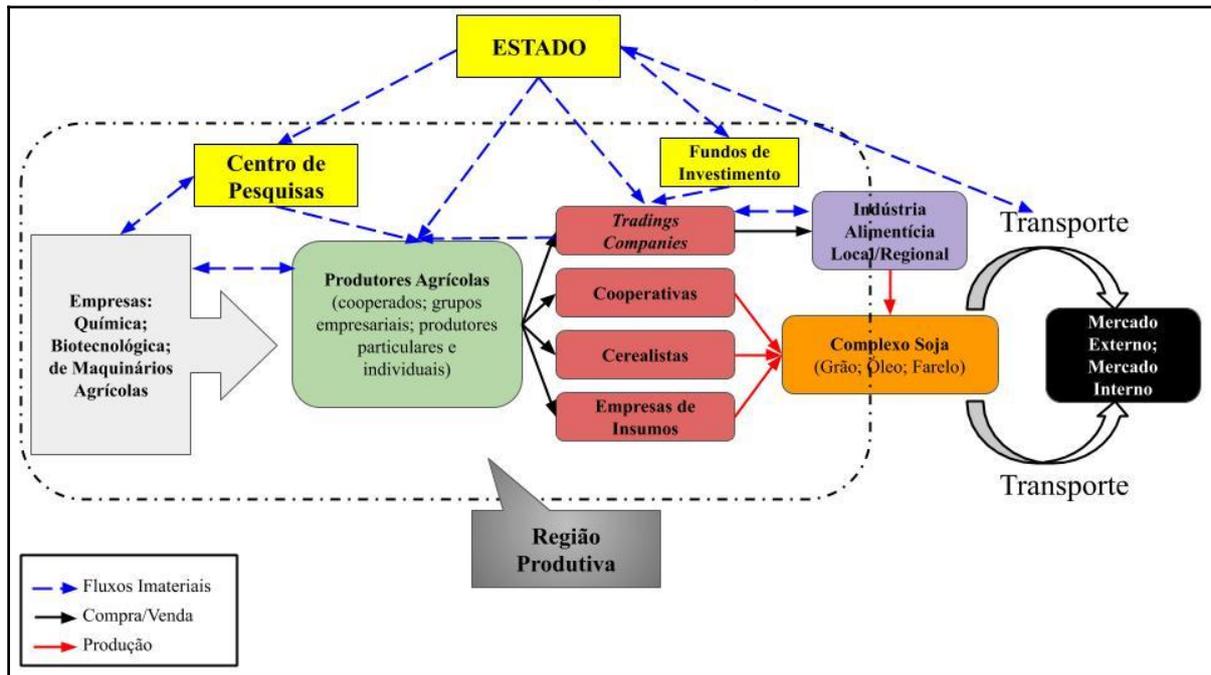
A rede geográfica constituída pelo circuito espacial produtivo pressupõe, num movimento intermitente, a circulação material, promovendo um “encadeamento das instâncias geograficamente separadas da produção” (CASTILLO; FRDERICO, 2010, p.464). Entretanto para que as diferentes porções do espaço sejam efetivamente articuladas entre si, promovendo a correta circulação de mercadorias, logo, a produção, é necessário que haja os círculos de cooperação no espaço – caracterizados pelos fluxos imateriais (comunicação, capital, ordens, informações) – organizando o sistema produtivo, mais uma vez, ao longo dos subespaços separados espacialmente (MORAES, 1984; CASTILLO; FREDERICO, 2010).

Ressaltamos, por fim, a preferência em usarmos, como recurso metodológico, o circuito espacial produtivo ao invés da cadeia produtiva. Uma distinção é necessária: ao passo em que o primeiro conceito (circuito espacial produtivo) é referente aos fluxos e à circulação das diversas naturezas entre as agentes dos setores produtivos, buscando articular atividade produtiva e espaço geográfico ao longo de todas as etapas, evidenciando o movimento; já a ideia de cadeia produtiva é voltada à ideia de se entender, de forma integrada, todas as etapas de determinada produção e quais os agentes relacionados, neste caso, as espacialidades não têm importância central, assim, podemos inserir a cadeia produtiva dentro da análise de circuitos espaciais produtivos (CASTILLO; FREDERICO, 2010).

Especificidades do Circuito Espacial Produtivo do Complexo Soja

Como já mencionado anteriormente, cadeia produtiva e circuito espacial de produção não devem ser usados como sinônimos. Entretanto todas as tentativas de esquematização dos circuitos acabam por se aproximarem do esquema das cadeias, este fato já é esperado, pois a representação da circulação dentro do circuito é bastante complexa. Desta forma apenas representamos a estrutura dos processos e da participação dos agentes e apoiados sob a esquematização podemos analisar as circulações e fluxos.

Figura 1. Esquema simplificado do circuito espacial produtivo e dos círculos de cooperação no espaço



Fonte: pesquisa documental. Organização: Autor (2020).

O esquema da Figura 1 pode ser subdividido em três partes principais, tendo a produção agrícola (em verde) como centro do circuito: i) à montante da produção (em cinza), encontram-se as indústrias de insumos e maquinários agrícolas, estas fornecem sementes, adubos químicos, agrotóxicos, fertilizantes, insumos biotecnológicos e maquinários agrícolas à produção agrícola; ii) à jusante da produção temos o processamento, o beneficiamento, o esmagamento e o armazenamento (em vermelho) dos subprodutos da soja (grãos, óleo e farelo). Parte destes subprodutos são transportados diretamente pelas tradings para outras empresas do mercado interno (em roxo), os quais podem ser utilizados como input em outras produções – tendo em vista a característica flex crop da soja (BORRAS JR. et al, 2012) –, já a outra parte segue rumo aos portos para exportação; iii) a distribuição e o transporte para o mercado final (interno e/ou externo).

Na primeira etapa, à montante, estão empresas como John Deere, Massey Ferguson e New Holland que se encontram dentro do que delimitamos, na Figura 1, de região produtiva, referente à RPA da soja, embora haja alguns que se encontrem fora desta região. A instalação destas empresas corrobora para que estes municípios se especializem cada vez mais neste ramo produtivo. Ressaltamos, pois, a fundamental importância desta etapa, uma vez que é ela quem possibilita a produção da soja, produzindo um campo modernizado e tecnificados, necessário à agricultura científica globalizada (SANTOS; SILVEIRA, 2006).

Os principais destinos da soja produzida nos municípios de Barreiras e LEM, segundo os dados do Censo Agropecuário (2006), são, majoritariamente, as indústrias (por via direta), em segundo lugar, a agentes intermediários, e, no caso de LEM, ainda temos a venda a cooperativas. As quantidades vendidas, por agente, estão organizadas no Tabela 1.

Tabela 1. Quantidades (toneladas) vendidas de soja, por agente – Barreiras e LEM (2006)

Municípios / Agentes	Vendas diretas a indústrias	Vendas diretas a agentes intermediários	Vendas a cooperativas
Barreiras	240.893	4.654	-
LEM	235.583	44.810	11.490

Fonte: Censo Agropecuário (2006). Organização: Autor (2021).

A partir das informações do Tabela 1, podemos observar que, como esperado, o principal agente comprador da soja – tanto de Barreiras, quanto de LEM – são as indústrias (cerca de 470 mil toneladas), mas é importante salientar que neste grupo estão incluídas as agroindústrias e as tradings, as quais podem processar os grãos – produzindo óleo e/ou farelo –, ou apenas comercializar os grãos. Portanto, o que vemos é uma relação muito estreita entre os produtores agrícolas e as empresas (agroindústrias e tradings), embora esta relação seja fortemente assimétrica, favorecendo as empresas.

No que se refere ao financiamento da produção, segundo dados do Censo Agropecuário (2017), a maior parte dos estabelecimentos agropecuários com culturas temporárias recebem financiamento de bancos (Barreiras: 39,68% dos estabelecimentos, e LEM, com 72,82%), por sua vez, apenas 6,80% dos estabelecimentos, em LEM, recebem financiamentos do governo, sendo que em Barreiras a porcentagem é ainda menor, 3,17%.

Esses dados estão em sintonia com o argumento de Wesz Jr (2011), uma vez que, para o autor, os financiamentos e créditos agrícolas estão sendo oferecidos majoritariamente por agentes financeiros, a partir de um processo que teve início durante as décadas de 1990 e 2000, no qual o Estado passou a ceder espaço para o capital financeiro transnacional (SPADOTTO et al, 2017). Desde as décadas de 1960 o Estado brasileiro teve participação central no desenvolvimento do setor agroindustrial, embora, ainda hoje a participação do Estado seja fundamental para a normatização do território, a parte que confere à disponibilidade de crédito e financiamento cabe às tradings, principais agroindústrias e a outros agentes do mercado financeiro (CASTILLO, FREDERICO, 2010; WESZ JR., 2011).

A partir da terceira etapa do circuito espacial produtivo temos a distribuição dos produtos do complexo soja. A distribuição até os mercados finais (internos ou externos) é realizada por empresas especializadas em transporte de commodities, pelas próprias tradings de processamento da soja e até mesmo por caminhoneiros autônomos que cobram fretes particulares (não vinculados a empresas).

Os círculos de cooperação – representados pelas setas de cor azul na Figura 1 – são formados por fluxos de informação, os quais são relacionados aos centros de pesquisa, e por capital, sobretudo os que envolvem as tradings. Os centros de pesquisa, relevam que o Estado brasileiro também participa da produção industrial. Mas, além disto, mostra que os próprios produtores rurais dependem das informações e das pesquisas desenvolvidas por esses centros uma vez que uma produção altamente técnica e científica tem a necessidade de, constantemente, receber auxílio técnico dos órgãos institucionais, como a EMBRAPA Soja.

Para além dos limites da RPA os principais fluxos são Estado-mercado, mercado-mercado. A articulação entre esses agentes é baseada na financeirização da produção, pois, pelo fato de o complexo soja ser majoritariamente destinado ao mercado externo, oscilações na demanda, como no preço da soja provocam alterações na produção e na comercialização. Nesses fluxos, além do capital movimentado pela compra/venda dos subprodutos, temos uma grande presença da informação sendo transmitida, para a coordenação da produção ao longo de sua cadeia produtiva global.

Quadro 2. Tradings e agroindústrias instaladas nos municípios de Barreiras/BA e Luís Eduardo Magalhães/BA (2019).

Tradings companies/Agroindústrias	Município onde a empresa está instalada
Adeco Agropecuária Brasil	
CODEAGRO	
COPAGRO	Barreiras
MaqFran Comercial Agrícola	
Paulo Massayoshi Misote	
Bunge	Barreiras e Luís Eduardo Magalhães
Cargill	
ADM	
Amaggi & LD Commodities	
Cofco Europe	Luís Eduardo Magalhães
COPALEM	
Gavilon	

Fonte: pesquisa documental. Organização: Autor (2020).

No Quadro 2, é possível verificar as tradings e agroindústrias que atuantes no complexo soja, nos municípios de Barreiras e LEM. Nesse sentido, pelo elevado número de empresas, podemos inferir que ambos os municípios são centralidades regionais no que diz respeito ao processamento agroindustrial da soja. Podemos afirmar, ainda, com base no circuito espacial produtivo que a principal etapa da produção agroindustrial se encontra imediatamente à jusante à produção agrícola, exatamente onde atuam as tradings e agroindústrias, o processamento dos grãos, a compra/venda e seu transporte até os mercados finais.

Devemos nos atentar que essas empresas estão presentes em todas as principais etapas do circuito espacial produtivo. Sob a perspectiva dos círculos de cooperação, o Estado participa da produção como um regulador, normatizando e organizando o espaço à produção agroindustrial, complementar a isto, afirmamos que os círculos de cooperação é que estruturam o circuito espacial produtivo,

assim, possibilitando que as etapas produtivas, mesmo que espacialmente distantes e em escalas espaciais diferentes, possam ser coordenadas.

Conclusão

A coordenação entre diferentes porções do espaço geográfico, imprescindível à produção capitalista, só é possível através dos círculos de cooperação, os quais estruturam o circuito espacial produtivo, através da articulação dos agentes econômicos. As localizações desses agentes – neste caso, localizados em Barreiras e LEM – são estrategicamente pensadas segundo as condições geográficas, normativas e organizacionais desses municípios. Por sua vez, os agentes instalados nestes municípios reorganizam os fluxos, tanto em termos qualitativos como quantitativos, em busca de uma racionalização do uso do território, aprofundando a divisão territorial e internacional do trabalho, bem como elevando a especialização produtiva dos lugares.

Podemos afirmar que Barreiras e LEM, a partir de um contexto regional, se comportam como centralidades do agronegócio, não apenas em termos de produção agrícola, mas, e sobretudo, pela presença de grandes empresas transnacionais que controlam toda a produção da soja, desde o plantio até o processamento agroindustrial.

Referências

- SAB'SÁBER, A. Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas, Ateliê Editorial, São Paulo, 2003.
- ALVES, V. Modernização Agropecuária e Urbanização na Região dos Cerrados do Centro-Norte do Brasil: As Novas Dinâmicas Urbanas no Oeste da Bahia. In: ALVES, V. (org.). Modernização e Regionalização nos Cerrados do Centro-Norte do Brasil, Consequência, Rio de Janeiro, p.127-167, 2015.
- ARROYO, M. A Economia Invisível dos Pequenos, Le Monde Diplomatique Brasil, 2008.
- ASSOCIAÇÃO DE AGRICULTORES E IRRIGANTES DA BAHIA – AIBA. Panorama socioeconômico do agronegócio do oeste da Bahia: Barreiras, 2015.
- BENKO, G. Economia, Espaço e Globalização na Aurora do Século XXI, Hucitec, São Paulo, 2002.
- BERNARDES, J. Fronteira da Agricultura Moderna no Cerrado Norte/Nordeste: Descontinuidades e Permanências. In: BERNARDES, J. BRANDÃO FILHO, J. (orgs.), Geografias da Soja II: a Territorialidade do Capital, Archimedes Edições, Rio de Janeiro, p.13-39, 2009.
- BORRAS JR., S.; KAY, C.; GÓMES, S.; WILKINSON, J. Land grabbing and global capitalist accumulation: key features in Latin America. Canadian Journal Development Studies, v. 33, n. 4, p. 402-416, 2012.
- BRASIL. Decreto nº 8.447, DE 06 DE MAIO DE 2015.
- CASTILLO, R. Dinâmicas Recentes do Setor Sucroenergético no Brasil: Competitividade Regional e Expansão para o Bioma Cerrado, GEOgraphia, 17(35), 95-119, 2015.
- CASTILLO, R.; FREDERICO, S. Espaço Geográfico, Produção e Movimento: uma Reflexão sobre o Novo Conceito de Circuito Espacial Produtivo, Sociedade & Natureza, 22(3), 461-474, 2010.
- CASTILLO, R.; BERNARDES, J. Apresentação e Apontamentos Teórico-Metodológicos. In: CASTILLO, R.; BERNARDES, J. (orgs.), Espaço Geográfico e Competitividade: Regionalização do Setor Sucroenergético no Brasil, Lamparina, Rio de Janeiro, p.07-16, 2019.

- CASTILLO, R.; ELIAS, D.; PEIXINHO, D.; BÜHLER, E.; PEQUENO, R.; FREDERICO, S. Regiões do Agronegócio, Novas Relações Cidade-Campo e Reestruturação Urbana, Revista da ANPEGE, 12(18), 259-282, 2016.
- CORRÊA, R. Região e Organização Espacial, Editora Ática, São Paulo, 2000.
- CORRÊA, R. Redes Geográficas: Reflexões sobre um Tema Persistente, Revista Cidades, 9(16), 199-218, 2012.
- DIAS, L. A importância das redes para uma nova regionalização brasileira: notas para discussão. In: LIMONAD, E.; HAESBAEST, R.; MOREIRA, R. (orgs.). Brasil, século XXI – uma nova regionalização? Agentes, Processos e Escalas. Rio de Janeiro: Letra Capital Editora, p. 161-172, 2015.
- ELIAS, D. Agronegócio e Desigualdades Socioespaciais. In: ELIAS, D.; PEQUENO, R. (orgs.), Difusão do Agronegócio e Novas Dinâmicas Socioespaciais, Banco do Nordeste, Fortaleza, p.25-82, 2006.
- ELIAS, D. Agronegócio e Novas Regionalizações no Brasil, Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, 13(2), 153-167, 2011.
- FREDERICO, S. Agricultura científica globalizada e fronteira agrícola moderno no Brasil. Confins, n.17, 17p., 2013.
- HARVEY, D. A Produção Capitalista do Espaço, Annablume, São Paulo, 2005.
- HARVEY, D. Os Limites do Capital, Boitempo, São Paulo, 2013.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Agropecuário. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuario>. Acesso: maio/2021.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Agrícola Municipal. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso: abril/2020.
- Laboratório de Processamento de Imagens e Geoprocessamento. Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <https://www.lapig.iesa.ufg.br/lapig/>. Acesso: abril/2020.
- LENCIONI, S. Região e Geografia, EDUSP, São Paulo, 2014.
- MIRANDA, E.; MAGALHÃES, L.; CARVALHO, C. Proposta de delimitação territorial do MATOPIBA. Embrapa: Nota Técnica 1, Campinas, 2014.
- MORAES, A. Território e História no Brasil, Annablume, São Paulo, 2005.
- MORAES, A. Os Circuitos Espaciais de Produção e os Círculos de Cooperação no Espaço, Trabalho de Avaliação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.
- SANTOS, M. Metamorfose do Espaço Habitado: Fundamentos Teórico-Metodológicos da Geografia, Hucitec, São Paulo, 1988.
- SANTOS, M. SILVEIRA, M. O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI, Record, São Paulo, 2006.
- SILVEIRA, M. Uma Globalização Desnecessária, um Território Instável, Ciências Geográficas, 1(21), 43-46, 2002.
- SPADOTTO, B., SAWELJEW, Y., FREDERICO, S., PITTA, F. Capital Financeiro, Land Grabbing e as Estratégias Multiescalares de Empresas Especializadas no Mercado de Terras na Região do MATOPIBA (Brasil), Conferência Internacional da Iniciativa em Estudos Agrários Críticos do BRICAS (BICAS), Academia Presidencial Russa de Economia Nacional e Administração Pública, Moscou, 2017.
- WESZ JR., V. Dinâmicas e Estratégias das Agroindústrias de Soja no Brasil, E-papers, Rio de Janeiro, 2011. OBRENOME, Nome Um. *Título Um*. Cidade: editora, ano.

Sobre os autores

Matheus Dezidério Busca: Bacharel em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde atualmente desenvolve a pesquisa de mestrado intitulada “Agricultura científica globalizada e agricultura familiar nos municípios do MATOPIBA baiano: relações e contradições no uso agrícola do território”.

* * *

ABSTRACT

The soy agribusiness in the municipalities of the Barreiras/BA and Luís Eduardo Magalhães/BA: an analysis of the relationship between agents and space from agriculture use of the territory

The objective of this article is to analyse the relationship between the agents of the soybean complex's productive spatial circuit and geographic space, more specifically with the municipal territories of Barreiras/BA and Luís Eduardo Magalhães/BA (LEM/BA). The justification for this analysis is based on the fact that in the current historical period, understood as globalization, processes of productive deconcentration are observed at a global level and - concomitantly - of productive concentration at a regional level. The work is divided into two main axes: i) the analysis of soybean crops in the municipal territories of Barreiras and LEM; and ii) presentation and operationalization of the concept of productive spatial circuit, analysing agroindustrial production of this commodity, acknowledging the main agents of this circuit and the way it is organized in territory and space.

KEYWORDS: Agribusiness, Productive Spatial Circuit, MATOPIBA, Productive Region of Agribusiness, Soy Culture.

RESUMEN

El agronegocio de la soja en los municipios de Barreiras/BA y Luís Eduardo Magalhães/BA: un análisis de la relación entre agentes y el espacio a partir del uso agrícola del territorio

El objetivo de este artículo es analizar la relación entre los agentes del circuito espacial productivo y el espacio geográfico del complejo sojero, más específicamente con los territorios municipales de Barreiras/BA y Luís Eduardo Magalhães/BA (LEM/BA). La justificación de este análisis se basa en el hecho de que, en el actual período histórico, entendido como globalización, se observan procesos de desconcentración productiva a nivel mundial y - concomitantemente - de concentración productiva a nivel regional. El trabajo se divide en dos ejes principales: i) el análisis de los cultivos de soja en los territorios municipales de Barreiras y LEM; y ii) presentación y operacionalización del concepto de circuito espacial productivo, analizando la producción agroindustrial de este producto, reconociendo los principales agentes de este circuito y la forma en que se organiza en el territorio y el espacio.

PALABRAS CLAVE: Agronegocio, Circuito Espacial Productivo, MATOPIBA, Región de Producción Agroindustrial, Sojicultura.